



UM JACOBINISMO DA CONSCIÊNCIA: A AUTOCRÍTICA DE PÊCHEUX SOBRE O SUJEITO-EGO E O APORTE FREUDIANO EM ‘LES VÉRITÉS DE LA PALICE’

UN JACOBINISMO DE LA CONSCIENCIA: LA AUTOCRÍTICA DE PÊCHEUX SOBRE EL SUJETO-EGO Y LA CONTRIBUCIÓN FREUDIANA EN ‘LES VÉRITÉS DE LA PALICE’

Anderson de Carvalho Pereira¹

Resumo: No apêndice da edição brasileira de “Semântica e discurso” intitulado “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”, Pêcheux faz uma autocrítica por pensar ter dado a entender que se concentrou em excesso na esfera egóica do sujeito. O problema reside em que essa esfera promoveria um “jacobinismo da consciência”, ao fazer parecer que o sujeito-ego estaria apartado de dimensões do inconsciente como o chiste, os lapsos de palavra e de pensamento. Este artigo parte dessa autocrítica e resgata em Freud a questão do traço inconsciente. Isto se justifica porque, para debater a inscrição do significante na assunção do sujeito no entremeio do deslizamento (de sentido), Pêcheux faz uso da noção de pré-construído creditada a Paul Henry e também, assim argumentamos, ao relacionar esquecimento e recalque também incorpora o pressuposto freudiano de que o traço nunca é apagado. Sem marcação de origem, o traço faz o sentido ser produzido em um certo *non sens*, o qual faz prevalecer a metáfora sobre o sentido. Neste artigo, essa asseveração é retomada em termos das elaborações freudianas em diversos de seus textos e por alguns comentadores de sua obra.

Palavras-chave: Método Psicanalítico. Psicanálise lacaniana. Michel Pêcheux. Análise do discurso. Filosofia da Psicanálise.

Resumen: En el apéndice de la edición brasileña de Semántica y discurso, titulado «Solo hay una causa para lo que fracasa: el invierno político francés: comienzo de una rectificación», Pêcheux se autocrítica por sugerir que se había centrado demasiado en la esfera egoica del sujeto. El problema se plantea en que esta esfera promueve un «jacobinismo de la conciencia», ya que da la impresión de que el yo-sujeto está separado de dimensiones del inconsciente, como los chistes, los lapsus lingüísticos y los verbales. Este artículo parte de dicha autocrítica y retoma la cuestión freudiana de la huella inconsciente. Esto se justifica porque, para analizar la inscripción del significante en la asunción del sujeto en medio del deslizamiento de sentido, Pêcheux hace uso de la noción de preconstruido atribuida a Paul Henry y también, en nuestra argumentación ao relacionar olvido y represión, también incorpora la premisa freudiana de que la huella nunca se borra. Sin marcar su origen, la huella provoca que el sentido se genere en un cierto sinsentido, lo que permite que la metáfora prevalezca sobre el sentido. En este artículo se vuelve a esta afirmación a la luz de las elaboraciones freudianas en varios de sus textos y algunos comentaristas de su obra.

Palavras clave: Método Psicoanalítico. Psicoanálisis lacaniano. Michel Pêcheux. Análisis del discurso. Filosofía del Psicoanálisis.

¹Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagem e do Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista PQ/CNPq 2.

Introdução

Em uma espécie de posfácio retificador intitulado “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação (p. 293)” ao célebre petardo discursivo *Les vérités de la palice*, Pêcheux (1993) nos alerta que para fortalecer o argumento sobre a evidência “sou eu!”, em dado momento de sua obra, “[. . .] frente ao sujeito pleno identificado na interpelação da ideologia dominante burguesa (p. 298)” se apoiou “[. . .] em uma exterioridade radical da teoria marxista-leninista para desvendar o ponto em que o absurdo reaparece sob a evidência (p. 298)”.

O uso da metáfora “petardo” faz alusão ao modo como aparece em “Hamlet” (1599-1602) de Shakespeare; no ato 3, cena 4, *Hoist by one's own petard* se refere, conforme explicação de Mohr (2021), à percepção de Hamlet de que ao perceber a ameaça de morte por dois vassalos, seu tio inverte a situação, para içá-los. A palavra era entoada em cantos de marinheiros enquanto içavam velas das embarcações e, a partir do século XVI, passa a designar explosivos em forma de sino, usado para arrebentar portas, por sapadores (os “engenheiros” da época), mas que se desse errado poderiam ser içados pelo próprio armamento (Mohr, 2021). Fazemos uso desse termo para ilustrar como Pêcheux (1993), em sua retificação, por vezes, parece içado pela própria autocrítica.

Uma saída para esse assujeitamento radical seria então uma “pedagogia da ruptura (Pêcheux, 1993, p. 298)” posto que as interpelações ocorridas no registro do imaginário poderiam operar uma “interpelação às avessas”, mas que também incorreria em uma “inclinação tipicamente platônica (p. 299)”. Ora, o autor está mostrando que parecia não haver saída para um momento em que creditava um assujeitamento radical ao sujeito. Do ponto de vista do marxismo-leninismo era um “retorno idealista de um primado da teoria sobre a prática (p. 299)” que, parafraseando-o, resultaria em uma idealização platônica.

Em outras palavras, dando-se conta do cerco fechado em torno de uma aposta radical no assujeitamento à base material do sentido como fundante da eficácia do imaginário, o autor se autocritica como alguém que teria talvez partido para uma apologia do contrário, uma ortodoxia às avessas. Para buscar uma saída, todavia, não ignora que também ao recorrer à Psicanálise, houve um problema no seu modo de debater a relação entre ego e sujeito. Em suma, o autor considera que ao tentar achar uma saída para o assujeitamento radical caiu em

uma armadilha tanto no flanco materialista quanto ao deslocar o debate para o campo psicanalítico.

Ao resgatarmos esta dupla autocrítica, vamos nos concentrar nesta última. Alguns mal-entendidos poderiam, concorde o autor, ter dado a entender defender uma “gênese do ego (p. 299)” ou “[. . .] levar exageradamente a sério as ilusões do poder unificador da consciência (p. 299)” de modo a “[. . .] permitir a instalação de um tal *jacobinismo da consciência*, enclausurada na evidência de seu próprio império sobre seus atos, palavras e pensamentos, sem que nada falhe [. . .] (p. 300)”. Residiria em grande parte nisso a necessidade de escrita do apêndice retificador em questão, uma vez que “[. . .] só há causa daquilo que falha (p. 293)”, como aparece em seu título.

A respeito da nomeação dada pelo autor vale aqui uma breve digressão ilustrativa. O historiador Jacques Solè (1989) caracteriza os jacobinos como um pequeno patronato não braçal de remediados locais (ex-eclesiásticos, administradores, advogados) que ansiavam por ascensão social nas cidades. Era um grupo que também pretendia controlar as massas pelo fantasma urbano do medo da austeridade e do racionamento, formado por pequenos artesãos nacionalistas que esperavam que outras nações seriam transformadas pela sublevação de seus escravizados à revolução.

Outra marca do jacobinismo é a descristianização posto que a religião, pelas mãos da aristocracia, manipula a credulidade popular. Ademais, trata-se de um grupo que acreditava que a subversão política melhoraria a situação financeira, sendo que tentavam se contrapor às humilhações de que se ressentiam do Antigo Regime. Alguns, como os mestres operários de seda em Lyon haviam esperado a retomada da cidade pelos revolucionários, mas se perceberam como grupo alvo de desconfiança porque o novo governo não efetivara sua demanda pelo confisco de bens; por isso, muitos acabam por trabalhar na burocracia municipal. Em 1793, é também um grupo que combate a independência e a autonomia de sociedades populares que eles mesmos haviam se preocupado outrora em salvaguardar, posto que desconfiavam que governos de execução provisória pudessem cair em ditaduras permanentes (Solè, 1989).

Deste campo de memória discursiva, chegamos à metáfora “jacobinismo da consciência” utilizada por Pêcheux (1993) para frisar essa apartação radical da consciência em relação à complexidade dos mecanismos inconscientes.

Delimitando a questão

Na seção “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação (p. 293)”, Pêcheux (1993) corrobora sua elaboração teórica da “Tríplice Aliança” (expressão várias vezes repetida pelo autor) entre Althusser, Lacan e Saussure existente desde os anos 1960. Para ele, o primeiro teve o mérito de sustentar algo que de dentro do marxismo dialogava com a Psicanálise, mas que por outro lado apontava dilemas entre posições filosóficas a serem abandonadas ou retificadas. A perspectiva althusseriana: “[. . .] ao dizer que os sujeitos “funcionam sozinhos” porque são sujeitos, isto é, indivíduos interpelados em sujeitos pela ideologia [. . .] fez com que algo novo fosse *ouvido* (escutado/entendido) no interior do movimento operário (Pêcheux, 1993, p. 296)”. Assim, em uma heresia análoga à Espinosa, conduziu “[. . .] a arte de levar aos extremos as questões imperdoáveis (p. 297)”.

Essa deferência ao seu mestre anterior é relevante porque a autocrítica anunciada na seção retificadora tem por eixo considerar que, ao reler a intersecção da interpelação com o funcionamento do imaginário, Pêcheux (1993) atribuiu-se uma concentração do debate na esfera egóica do sujeito. O problema reside em que essa esfera promoveria um “*jacobinismo da consciência* (p. 300)”, ao fazer parecer que estaria apartada de dimensões do inconsciente como o chiste, os lapsos de palavra e de pensamento.

Este artigo parte dessa autocrítica e resgata em alguns textos freudianos a questão do traço inconsciente. Para debater a inscrição do significante na assunção do sujeito no entremeio do deslizamento (de sentido), Pêcheux (1993) incorpora esse pressuposto freudiano de que o traço não é obliterado ou, mesmo esquecido, não deixa de produzir efeitos. Não tem origem definida, posto que o sentido também não, o que conflui para o *non sens*², ou seja, emergir em zonas de significação em que predomina a metáfora sobre o sentido; deslizamento que deixa traços no sujeito-ego “sob a forma-sujeito ideológica, identificada com a evidência de um sentido (Pêcheux, 1993, p. 300)”. Queremos defender, neste artigo, a tese de que essa evidência depende de processos inconscientes fundados no pressuposto freudiano de que traços do inconsciente não podem ser desfeitos e não se apagam.

Para isto, essa asseveração é debatida em termos das elaborações freudianas sobre a questão do traço inconsciente, tal como aparece em diversos de seus textos, como “O inconsciente (1915)”, “O eu e o id (1923)”, “Notas sobre o bloco mágico (1925)”,

² Vamos preservar a grafia de *non sens* utilizada na tradução da segunda edição brasileira (Pêcheux, 1993).

“Interpretação dos sonhos (1900)” e “Psicopatologia da vida cotidiana (1901)”. Defendemos que o retorno a estes textos freudianos pode ajudar a elucidar seja o modo como Pêcheux (1993) sustenta esta autocrítica seja também para amenizá-la, no sentido de notar que, embora o próprio autor veja alguns limites no modo como escreveu *Les vérités de la palice*, isso não desconsidera sua abertura a novas leituras. Afinal, não seria esta também outra questão em torno da noção do sujeito e o lugar da interpretação, no caso das releituras?

Uma escavação da obra de Freud: um início de diálogo

Um dos textos de Freud (1925/2011) que contribui para o entendimento de que o traço inconsciente do significante não se apaga é “Notas sobre o bloco mágico”. Neste ensaio, o autor divide com o leitor a aflição da traição pela própria memória, em parte contornada pelas notas de anotações em um protótipo de cera e celulose comum à época, chamado “bloco mágico (Freud, 1925/2011)”, que daria conta, em tese, de garantir a fiel reprodução e resgatar a dimensão invisível do aparelho mnemônico.

Santo Agostinho (397-400/1999) já comentara em suas “Confissões” que, em um episódio de dor de dente, por não falar, escreveu para que rogassem por sua melhora: “Este pedido, escrevi-o numa tabuazinha encerada e entreguei-o para que lhes fosse lido (*Conf.*, IX, 397-400/1999, p. 236)”. Como se nota, um recurso mnemônico muito semelhante ao que aparecerá na obra freudiana séculos adiante.

Para Freud (1925/2011), a mudança entre a folha de rosto sobre a qual se escreve em um aparato à época conhecido como “bloco mágico” e as marcas de folhas anteriores sulcadas, podem ser comparadas com o bojo dos suplentes de órgãos dos sentidos que criamos (como óculos, câmera fotográfica), mas tem capacidade limitada em comparação a como o aparelho psíquico lida com percepções de mundo. Mais concentradas no eixo pré-consciente e consciente, as percepções seriam acolhidas com traços menos duradouros.

O “bloco mágico” se aproxima desse sistema perceptivo porque o papel de cima é uma camada celuloide transparente e a de baixo um papel encerado translúcido, de modo que indiretamente ao sulcar a folha de cima, ao arranhar a superfície, de forma indireta é deixado algo escrito na folha abaixo. A folha de cima também tem função protetora aos excessos de estímulos externos, mas não formam traços duradouros, posto que lembranças formam-se em outras adjacências.

Se apagada a camada de cima, a escrita sulcada no bloco também não consegue recuperar, de dentro, a totalidade do que fora inscrito, de modo que esse jogo entre ambos indica certo (des)aparecimento, e alude ao esmaecer da consciência da percepção (Freud, 1925/2011). Sendo assim, a metáfora do bloco permite retomar a consideração por Pêcheux (1993) sobre o sujeito-ego, considerando que os processos metafóricos são fundados em *non sens*, posto que envolvidos nos traços do inconsciente.

Em suma, podemos entender a descrição desse funcionamento do aparelho psíquico em Freud (1925/2011) como uma dinâmica retroalimentada entre a mão que escreve e outra que apaga concomitantemente; movimentação ocorrida entre percepções e transmissão de excitações, em que há como empuxos de intensidades intermitentes. A obra intitulada “Mãos desenhando” de Escher (1948) pode nos ajudar na visualização dessa descrição. Nas referências abaixo um *link* de endereço eletrônico apresenta esta obra.

A partir do uso de um termo da Física clássica (“empuxo”), ao abordar o (des)aparecimento dessa força psíquica e ao tratar da (des)continuidade de inervação representada pelo *bloco*, o Pai da Psicanálise considera também um período de não excitação do sistema perceptivo.

Uma vez que a noção destacada por Pêcheux (1993) em *Les vérités de la Palice* é a de sujeito lacaniano vale lembrar que é sabido que, mais adiante, ainda que não em diálogo direto com estes textos freudianos, mas por meio de um retorno/releitura, ao tratar do estádio do espelho e seu papel na formação do registro imaginário do “eu”, Lacan argumenta:

[. . .] A função do estádio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da imago, que estabelece uma relação do organismo com sua realidade – ou, como se costuma dizer, do *Innenwelt* [mundo interior] com o *Unwelt* [mundo circundante] [. . .] assim, o rompimento do círculo do *Innenwelt* para o *unwelt* gera a quadratura inesgotável das enumerações do eu (Lacan, 1998, p. 100, *itálicos no original*).

Fazemos uso dessa citação apenas para resgatar a releitura lacaniana da questão da tríade representação, memória e percepção no sujeito, herdeira da tradição freudiana. Isto porque para a Psicanálise o inconsciente é um modo de nomear o campo da experiência do sujeito estruturado “como sistema quer de representações (*Vorstellungen*), de traços de memória (*Erinnerzeichen*), de signos de percepção (*Wahrnehmungszeichen*) [. . .] (Elia, 2010, p. 36)”. Mas voltemos aos textos freudianos.

É por conta disso que em “A Interpretação dos sonhos”, por sua vez, Freud (1900/2019) formula que o aparelho psíquico é formado por sistemas que conectam uma

ordem afixada em que excitações percorrem uma temporalidade. Isto corresponde ao modo como excitações internas e externas partem de estímulos e culminam em inervações. É a dimensão reflexa do aparelho psíquico que subsidia a vinda da extremidade sensível do aparelho aos registros mnemônicos, a saber:

Das percepções que nos chegam permanece um traço em nosso aparelho psíquico, que podemos chamar de “*traço mnêmico*”. Denominamos “memória” a função ligada a esse traço mnêmico. Se levarmos a sério a intenção de vincular os processos psíquicos a sistemas, o traço mnêmico só poderá consistir em alterações duradouras nos elementos dos sistemas (Freud, 1900/2019, p. 541).

Mais adiante Freud (1900/2011) faz uma teorização com conjecturas sobre a intensidade dessa conservação. Não vamos nos alongar neste ponto e cair em uma longa digressão.

A citação que segue mostra como o autor elaborará os princípios básicos da proposta de uma metapsicologia tal como aparecerá no texto “O inconsciente” (Freud, 1915/2010) em que o autor debate a primeira tópica: inconsciente, pré-consciente e consciente:

Proponho que seja denominada *metapsicológica* uma exposição na qual consigamos descrever um processo psíquico em suas relações *dinâmicas, topológicas e econômicas*. Diga-se de imediato que, no estado atual de nossos conhecimentos, conseguiremos fazê-lo apenas em alguns pontos isolados. Vamos fazer uma acanhada tentativa de descrição metapsicológica do processo de repressão nas três conhecidas neuroses de transferência. Poderemos aqui substituir “investimento” por “libido”, porque se trata, como sabemos, dos destinos dos instintos sexuais (Freud, 1915/2010, p. 89).

Assoun (1996) explica que o desenho do aparelho psíquico é metamorfoseado pelo percurso da excitação e marca instâncias representáveis nessa temporalidade, em que como vemos na citação acima a libido reflete vicissitudes pulsionais. Por isso, ao debater os sonhos, o pai da Psicanálise é ortodoxo em assegurar que sempre há uma extremidade perceptiva e uma motriz:

[. . .] é o “trabalho do sonho”, dirá Freud, que “nos permite efetuar uma articulação (*Gliederung*) do aparelho psíquico em instâncias distintas e mostra que, no sistema dos processos de uma espécie inteiramente outra que não aqueles que são percebidos na consciência. Tudo começa com essa *prega* primitiva da geologia psíquica em torno da qual se forma o aparelho psíquico (Assoun, 1996, p. 60).

Trata-se de pontos com razoável ordem em que excitações deambulam por itinerários e temporalidades (Freud, 1900/2011) e indiciam contornos e pregas (Assoun, 1996), em sintonia com “[. . .] o sentido progressivo-regressivo do funcionamento do aparelho psíquico (García-Roza, 2005, p. 78)”.

Quando Freud (1900/2011) faz uso de esquemas para representar o aparelho psíquico, sua ênfase, conforme García-Roza (2005), não é descrever ou transcrever uma estrutura, mas

construir uma topologia do seu funcionamento. Mas qual seria a relação desse funcionamento com a escrita anotada no bloco mágico, com os sonhos, com a primeira tópica, tal como mostramos até aqui?

É que, como ensina García-Roza (2005), parte do sistema de registro e percepção de estímulos fica em aberto para novos registros, não os armazena nem associa, sendo este o papel dos “[. . .] vários sistemas mnêmicos que recebem as excitações do primeiro sistema e as transformam em traços permanentes. As associações entre os traços ocorrem apenas no interior dos sistemas mnêmicos (p. 79/80)”. É na manutenção e transformação em traços permanentes, mesmo inalcançáveis diretamente, que reside ainda uma parte dos enigmas do aparelho psíquico.

Em suma, o papel em cima do que se localiza como cêra, como decalque ou sulco (ainda em analogia com o “bloco mágico”), comunica-se, embrenha-se em reordenamentos mais decisivos e enraizados do que acessados pela consciência. Parte da excitação, em seu itinerário e sua temporalidade passa com durabilidade ao patamar da permanência, mas parte continua inalcançável, o que não quer dizer inoperante ou sem efeito.

Em suma, a partir do diálogo desses autores com os escritos freudianos fazemos notar que do itinerário que supõe duas extremidades e pontos decisivos, há elaborações que se fazem marcar por pontos que se sobressaem na forma de processos secundários (lapsos, esquecimentos, sonhos etc.) e que aparecem no cotidiano e são razoavelmente percebidos na consciência, com certa distinção em relação aos processos inconscientes. Isto nos remete ao esquecimento de nomes próprios, autoanalisados pelo próprio Pai da Psicanálise. E também à questão do esquecimento alinhado ao recalque, como aparece em Pêcheux (1993), questão para a qual retornaremos ao final deste ensaio.

No ensaio “Esquecimento de nomes próprios”, Freud (1901/2021) relata de forma parcimoniosa seu diálogo com um passageiro anônimo. Em um trem em deslocamento, tenta se lembrar do nome do pintor “Signorelli” que pintara a cúpula da catedral de Orvieto na Itália, mas o nome não lhe vem à consciência. Faz-se necessário um caminho que contorna núcleos decisivos da correspondência com o pré-consciente para restabelecer os fragmentos: *signor* em italiano correspondendo a *herr* em alemão que, por sua vez, resgata um dos lugares geográficos em questão (*Herzegovina*), bem como outros nomes de pintores italianos (Botticelli e Boltraffio) para resgatar a terminação “elli” e se lembrar do nome “Signorelli”.

Esta autoanálise sobre esquecimento de um nome e a proposição de uma “Psicopatologia da vida cotidiana” foi publicada (Freud, 1901/2021) anos antes do ensaio “O inconsciente” (Freud, 1915/2010) em que, como já explanado aqui, temos duas principais frentes de argumentação: a exposição dos processos psíquicos em que se notam relações dinâmicas, topológicas e econômicas; e o debate sobre a comunicação entre inconsciente e consciente.

A primeira linha de argumentação considera as representações instintuais e o preço social da repressão em que impulsos e desejos concorrem entre si e se expressam por meio de processos primários inclinados à não contradição e processos secundários que buscam encaixes, correspondências entre princípio de prazer e realidade (Freud, 1915/2010). Respectivamente, uma ordem unária e binária (García-Roza, 2005).

A segunda linha de argumentação, tal como a depreendemos de Freud (1915/2010), considera também que para inconsciente e consciente se comunicarem, inconsciente e pré-consciente podem cooperar mutuamente; podem se unir para “invadir” o consciente, levando em conta que o consciente nunca é pleno de consciência, posto que resultante também das identificações ocorridas no inconsciente que, por sua vez, ideias ante o investimento consciente, nos processos secundários, podem manter fugas substitutas, por meio de estratégias de ceder umas às outras (deslocamento), ou de acolhimento de ideias por outras (condensação).

Até aqui vimos muito da obra concentrada nas deambulações do autor sobre a primeira tópica. Mais adiante, Freud (1923/2011), em “O Eu e o id”,³ inicia sua explicação de que a consciência é uma qualidade do psiquismo e indica percepção imediata⁴. O predicado imediato sugere temporalidade. Todavia, uma ideia, por exemplo, não é consciente de forma duradoura, podendo ficar latente ou reprimida, e também indicando inconsciente no “eu”, a saber:

Formamos a ideia de uma organização coerente dos processos psíquicos na pessoa, e a denominamos o *Eu* da pessoa. A este Eu liga-se a consciência, ele domina os

³ Em período recente no Brasil, a editora Companhia das Letras optou pelo uso de “eu” no lugar de “ego” para a tradução do título e do ensaio freudiano aqui citado. Fizemos uso desta edição, embora na edição de Pêcheux (1993) aqui utilizada, seja usado o termo “ego”. Deste ponto de vista, portanto, para este texto, quando Pêcheux (1993), na tradução brasileira usa “ego” a referência é ao que a edição da obra freudiana utilizada se refere como “eu”. Na versão, em inglês, de *Les Vérités de la Palice*, também é usado o termo “ego”, como em: “Now, this identification of the subject with himself is, as I have said, simultaneously an identification with the other (with a small o), as another ‘ego’, discrepant origin etc. : the subject – effect and the ‘intersubjectivity-effect’ are thus strictly coeval and coextensive (Pêcheux, 1982, p. 118)”.

⁴ O debate sobre consciência mediata e imediata aparece décadas anteriores em Wundt, e é um marco da inauguração da Psicologia científica em período contemporâneo ao nascimento da Psicanálise (Schultz; Schultz, 1998).

acessos à motilidade, ou seja: a descarga das excitações no mundo externo; é a instância psíquica que exerce o controle sobre todos os seus processos parciais, que à noite dorme e ainda então pratica a censura nos sonhos. Desse Eu partem igualmente as repressões através das quais certas tendências psíquicas devem ser excluídas não só da consciência, mas também dos outros modos de vigência e atividade. Na análise, o que foi posto de lado pela repressão se contrapõe ao Eu, e ela se defronta com a tarefa de abolir as resistências que o Eu manifesta em ocupar-se do reprimido (1923/2011, p. 14, *itálico no original*).

O inconsciente tem material desconhecido e o pré-consciente representações verbais com resíduos de memórias que podem incluir percepções e também resíduos mnemônicos. E também as incitações (e as excitações internas) podem ser representadas verbalmente e percebidas. A repercussão topológica é que:

Logo veremos se será possível tirar alguma vantagem disso para a descrição e a compreensão. Um indivíduo é então, para nós, um Id [um algo] psíquico, irreconhecido e inconsciente, em cuja superfície se acha o Eu, desenvolvido com base no sistema *Pcp*, seu núcleo. Se buscamos uma representação gráfica, podemos acrescentar que o Eu não envolve inteiramente o Id, mas apenas à medida que o sistema *Pcp* forma a sua superfície [do Eu], mais ou menos como o “disco germinal” se acha sobre o ovo. O Eu não é nitidamente separado do Id; conflui com este na direção inferior. Mas também o reprimido conflui com o Id, é somente uma parte dele. O reprimido é claramente separado do Eu apenas pelas resistências da repressão; pelo Id pode comunicar-se com ele (Freud, 1923/2011, p. 22).

Freud (1923/2011) a seguir argumenta que também pensamos no nível pré-consciente e que as coisas “mais altas” também são inconscientes. O “supereu” é mais distante, do ponto de vista dessa topologia, ou seja, é uma somatória de resíduos das primeiras relações objetais do ‘id’ mais as formações reativas do ‘id’, incluindo-se injunções e proibições no ‘ideal de eu’ (e as figuras de autoridade, lugar do pai); sendo assim, por vezes, há tensão entre expectativas de consciência e realizações do ‘eu’ que resultam em culpa. Em suma, o ‘eu’ também resulta de identificações que ocupam o lugar de investimentos abandonados pelo ‘id’. Isto porque, para Freud (1923/2011), o princípio do prazer é como uma bússola do id.

García-Roza (2005) explica que nos textos freudianos em que a metapsicologia é o cerne do debate o “eu” não deve ser forjado no acesso à realidade, mas pelo engendramento que o próprio aparelho psíquico faz para “[. . .] impedir o investimento da imagem mnêmica do primeiro objeto satisfatório, evitando dessa forma a alucinação (p. 197)”. García-Roza (2005) ainda explica que temas como autopreservação, autoconservação e autoerotismo orbitam o embate entre necessidade e objetos reais que regulam as pulsões, que podem ter por alvo: uma escolha anaclítica do objeto, aquela que recai na repetição do modelo parental; ou

um tipo de escolha narcísica, que toma a si próprio como modelo, lembrando que ambas se misturam.

Todavia, o mais relevante comentário deste autor para, na próxima seção, avançarmos nos aportes freudianos em Pêcheux (1993) que remetem à segunda tópica é: “Enquanto a primeira tópica voltava sua atenção para a economia libidinal, a segunda está voltada para o confronto da libido com algo que lhe é externo: a exigência de renúncia imposta pela cultura (García-Roza, 2005, p. 206)”.

Veremos pouco mais adiante como esta noção de “eu” (nomeada “sujeito-ego”) e da “consciência” aparece em Pêcheux (1993), e em parte sem se tornar explícita pelo autor, junto dessa consideração de uma escrita do inconsciente cujo baluarte é a noção de traço, noção esta que permite retornar às questões freudianas sobre aparelho psíquico, consciência, ficção, leitura, devaneio e fantasia. É disso que vamos tratar na próxima seção, indicando o diálogo dessas questões com Pêcheux (1993), tais como elaboradas pela “cultura” no sentido das marcações dadas pelo Outro para que o sujeito, no registro do imaginário, emergja por uma posição interpelada pelo inconsciente e pela ideologia.

Vestígios das elaborações freudianas sobre o “eu” em *Les vérités de la Palice*

Como já dissemos, os principais excertos sobre os quais vamos conduzir nosso debate entre o retorno (ainda que indireto) de Pêcheux (1993) aos textos freudianos estão na seção “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”, em que o autor faz uma autocrítica e explica o porquê desse movimento bem como a saída que encontrara.

Primeiro o autor afirma que parece que em *Les vérités de la Palice* abordou o sujeito de modo a confundir e/ou sobrepor a questão da forma sujeito ao “ego”, parecendo que ele quis reativar uma genealogia do ‘ego’ e assim reavivar certo funcionalismo, ratificando algumas ilusões de unificação da consciência. É como se a consciência fizesse parte de um jacobinismo de seu reino em relação ao seu entorno, um império em que nada falha, sejam atos, palavras, pensamentos. Tal como apartar o assujeitamento e fazer deste último seu prisioneiro, de modo a “[. . .] levar demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha, eis precisamente algo que falha em *Les vérités de la Palice* (p. 300)”. Não vamos pôr o autor no divã, nem laurear sua deferência sobre os próprios escritos. Vamos continuar o debate teórico.

Vejamos. Não há um reducionismo funcionalista, que pode ter sido o aparente entendimento de alguns de sua obra. Mesmo porque, o autor considera o papel da interpelação, e também do lugar onde o *non sens* pode se enganchar. Consideramos que este contorno ou asseveração razoavelmente antecipada de um possível mal-entendido aparece em:

[. . .] *nunca é inteiramente* recoberto nem obstruído pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto, porque o tempo da produção e o do produto não são sucessivos como para o mito platônico, mas estão inscritos na simultaneidade de um batimento, de uma “pulsção” pela qual o *non-sens* inconsciente não para de voltar no sujeito e no sentido que nele pretende instalar (Pêcheux, 1993, p. 300, aspas e itálicos no original).

O excerto “não para de voltar no sujeito e no sentido que nele pretende instalar (Pêcheux, 1993, p. 300)” nos remete a todo o percurso freudiano até aqui apresentado sobre o traço mnêmico e o aparelho psíquico. O traço não cessa de se infiltrar, sulcar, escrever e inscrever-se. É representado e percebido também por razoável autonomia do inconsciente nos sonhos, lapsos, ou em formas oníricas da própria vida de vigília, expectativas, devaneios, fantasias sobre o outro.

A simultaneidade de pontos de *non sens* que não são, portanto, sucessivos, mas indicam incertezas e contingências ao largo do alcance do sujeito iludido do centro-sentido nos leva a tratar do efeito de ficção que preenche essa escrita do traço mnêmico, escrita esta como vimos nos textos freudianos que se inscreve e se aparta conforme uma simultaneidade paradoxal do sujeito em seu lugar mesmo. É da ordem também de uma topologia dinâmica e econômica em que reviravoltas no curso da escrita impõem tropeços, percalços e também promovem recursos de redefinição ao modo como o sujeito comum é acometido pelos traços do inconsciente.

De volta à Pêcheux (1993), uma questão a ser resgatada também diz respeito aos efeitos de pré-construído; por onde caminham, mobilizados no interdiscurso, e também na maneira pela qual a legibilidade da memória discursiva restabelece implícitos (Pêcheux, 1999); e também os efeitos metafóricos e metonímicos no deslizamento dos sentidos, soerguido o valor encobridor e de sobreposições desses traços mnemônicos tal como tratados na obra freudiana. Nunca inteiramente individuais, posto que o inconsciente é social por excelência. Voltaremos a este ponto, ao final deste artigo, ao analisarmos a circulação de uma expressão proverbial.

Assoun (1996) resgata na obra freudiana esta contradição entre o sujeito e o que se mostra a ler, tal como um teatro da leitura. A relação entre ler e leitura do inconsciente é da ordem da contradição entre a representação e a Coisa. As representações não impedem restos verbais, vindos de percepções do ir e vir do sistema inconsciente. São resíduos mnésicos nunca totalmente apagados. Ler o inconsciente no caso se refere à “[. . .] elaboração secundária da representação verbal”, sendo que “[. . .] a elaboração trata dos restos (Assoun, 1996, p. 128)”.

Outro ponto a ser considerado é o modo que esta leitura sublima e parte a representação da palavra; ainda que o ilegível surja do inconsciente no divã, situação em que o dizer parece alternativa às reescritas que lidam com a contradição entre a castração e o desejo, produzindo escritas que ignoram a origem de sua manutenção (Attié, 1989).

Pêcheux (1993) também não se preocupa com a origem do dizer, inclusive problematiza a ilusão fundamental instalada pelo esquecimento número um, da ordem do recalque. O recalque é constitutivo, ratifica o autor ao retornar aos textos freudianos, mas a determinação sócio-histórica desta dimensão inalcançável da realidade não deixa de lado a base material do sentido e a complexidade do percurso entre “parte” e “todo” orquestrado por mecanismos ideológicos, nunca neutros, entranhados em um simbólico cuja simbolização também nunca é partilhada e elaborada de forma equânime.

Do ponto de vista freudiano, ler nos coloca novamente diante da Coisa, e para retroagir com a palavra faz-se necessário retroagir à própria Coisa, sendo que o bloco mágico põe em movimento o duplo laço entre “[. . .] a representação de coisa (visual) e a representação da palavra (acústica) (Assoun, 1996, p. 129)”, de modo que a leitura opera nesse efeito de bloco mágico, ou seja, correlação entre o que se escreve e lê por meio de “contato precário” e “tensão” entre cera e folha, em que temos: “Por um lado, os traços duradouros; por outro, o dispositivo que gera a função de atualização. O sistema duplo mantém-se, pois, à beira de uma virtualidade incessantemente conjurada: a da desaparecimento pura e simples da escrita (Assoun, 1996, p. 129)”.

Assoun (1996) está explicando que o bloco mágico indica que ler seria intentar o sumiço da escrita. Pode ser até efêmera a aparição (e o desaparecimento) do sujeito, mas não some o traço; o sujeito se desvela, revela, retorna e desaparece de novo, escapando do sujeito qualquer possibilidade de controle das contingências. Essa leitura mantém viva a chama da dinâmica, no tripé (econômico, topológico e dinâmico do sistema inconsciente-pré-consciente, consciente) da metapsicologia freudiana.

Do ponto de vista pecheutiano, há sempre a provocação para o analista de discurso problematizar o porquê um dado traço se faz duradouro ou com aparência de duradouro em dada conjuntura e sob determinada interpelação ideológica. Não se faz duradouro por um atributo essencialista tampouco puramente fenomênico do aparelho psíquico. O que fica interdito, silenciado, recalcado, tabu também é simbolizado concorde interpelações ideológicas.

Em Pêcheux (1993), no texto autocrítico retificador, este jogo da aparição e ocultação aparece na parte do debate em que o autor defende que:

Só há causa daquilo que falha (J. Lacan). É nesse ponto preciso que ao platonismo falta radicalmente o inconsciente, isto é, a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura; o que falta é essa causa, na medida em que ela se “manifesta” incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho etc.) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais “apagados” ou “esquecidos”, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação sentido *non sens* do sujeito dividido (p. 300).

Falha que se manifesta na escrita do inconsciente, nos caminhos feitos pelos traços do inconsciente, de modo que o que cessa é a escrita das contingências (Attié, 2005). Podemos também conduzir esta parte do debate ao recorrer a Lacan (1985) que trata da cessão do dado já jogado ao ar, no registro do imaginário, para compreender este corte na/da contingência. Mas em termos de categorias do real, além da contingência temos o impossível. Diante disso, o que é dado a ler e o que permanece impossível?

Assoun (1996) explica que esse leitor ordinário também compila cenas de seu “teatro privado” recheado de devaneios que incluem também uma “[. . .] codificação da prática onírica diurna, que faz eco à prática do sonho propriamente dito (p. 131)”. Claro, estamos tratando do neurótico ordinário, pois: “[. . .] o neurótico debruça-se com decisão sobre seu desejo como se fosse um texto. E sobre determinado texto como se nele lesse seu desejo (Assoun, 1996, p. 139)”

Ou seja, o rompimento com a lógica da causa e efeito, do controle das contingências proposto por um behaviorismo, por exemplo, fundamenta-se em fórmulas universais e ignora atos falhos, lapsos e chistes, nunca totalmente apagados ou esquecidos (Pêcheux, 1993). Por isso mais adiante o filósofo francês argumenta:

Era – percebo agora – o único meio de que eu dispunha para expressar, pela guinada do *non-sens* no chiste, o que o momento de uma descoberta tem fundamentalmente a ver com o desequilíbrio de uma certeza: o chiste é um indicador determinante pois,

sendo estruturalmente análogo ao caráter de falta do lapso, acaba por representar, ao mesmo tempo, a forma de negociação máxima com a “linha de maior inclinação”, o instante de uma vitória do pensamento no estado nascente, a figura mais apurada de seu surgimento. Isso reforça que o pensamento é fundamentalmente inconsciente (“isso [ça]pensa!”), a começar pelo pensamento teórico (e o “materialismo de nosso tempo” não pode, sob risco grave, permanecer cego a esse respeito). Em outras palavras, o Witz representa um dos pontos visíveis em que o pensamento teórico encontra o inconsciente: o Witz apreende algo desse encontro, dando a aparência de domesticar seus efeitos (Pêcheux, 1993, p. 303).

A analogia com a falta vista no lapso e a consideração de que o chiste indica como o pensamento materialista faz intersecção com o inconsciente é porque o inconsciente tem natureza constituída pelo laço social. Ao notarmos o chiste, ao rirmos em situação humorística repactuamos essa formação de compromisso e provamos que a censura afeta a todos, ainda que de forma singularizada. O chiste também faz parte de uma escrita das contingências. Escrita “certa por linhas tortas”, parafraseando o ditado, posto que desestabilizadora. Parafraseando novamente, o chiste caminha na linha de uma escrita “certa” por linhas “tortas”. Mexe em uma superficialidade aparente que é linguística, apoiada na base material do sentido, mas perturba as nuances que provam que o inconsciente é social. Lembremos, por exemplo, do famoso programa televisivo de humor “Zorra Total” e a disseminação da expressão chistosa “vuco-vuco” (Saiba a origem dos bordões, 2006). O riso coletivo prova a natureza do laço social do inconsciente que negocia com a censura moral e a alusão ao movimento do ato sexual.

No chiste, no vacilo ou na perturbadora suspensão da censura moral que provoca riso, há prova do laço social, alhures e ao largo do controle das contingências pelo “eu”, muitas vezes embebido de ilusões empiristas. O empirismo faz parte de um dado paradigma dominante de subjetividade na conjuntura histórica pós-cartesiana, que, conforme relembra Althusser (1963-64) lhe rendeu choques contra suas primeiras obras. E aí cabe lembrar Pêcheux (1993), também feroz crítico do empirismo. Neste ponto, cabem as desconfianças freudianas, pois nestas vemos intersecções com essas críticas. A exemplo, lembremos do contraponto freudiano à herança do empirismo no método experimental:

[. . .] no final da década de 1960, Freud havia sido relegado ao ostracismo pelos psicólogos empiristas britânicos, para os quais as teorias freudianas não podiam ser provadas nem refutadas. Como afirmam os filósofos da ciência, eram vagas demais para serem verificáveis ou refutadas. A refutabilidade era o critério pelo qual se julgava se uma teoria podia ser considerada “científica”, e Freud foi hábil ao evitá-la, mas isso não impressionava os empiristas. (Cohen, 2014, p28).

Nos textos freudianos o empirismo tal como acima mencionado nunca foi interlocutor privilegiado, mesmo que seja pelo caminho da preocupação em refutá-lo, apenas esclarecendo alguns propósitos da Psicanálise, que tomam outro caminho. No ensaio “luto e melancolia” (Freud, 1917/2010), por exemplo, temos:

Assim, desde já renunciamos a toda pretensão de validade universal para nossas conclusões, e nos consolamos na reflexão de que, dados os nossos atuais meios de pesquisa, dificilmente poderíamos encontrar algo que não fosse *típico*, se não de toda uma classe de afecções, ao menos de um grupo menor delas (p. 128) [. . .] A conclusão que pede nossa teoria, de que a predisposição a adoecer de melancolia, ou parte dela, reside na predominância do tipo narcísico de escolha de objeto, infelizmente ainda carece de confirmação através da pesquisa. Nas frases iniciais deste estudo reconheci que o material empírico em que ele se baseia não satisfaz nossas pretensões. Se nos fosse permitido supor que a observação concorda com nossas inferências, não hesitaríamos em acolher em nossa caracterização da melancolia a regressão do investimento objetal à fase oral da libido, ainda pertencente ao narcisismo. (p. 134).

O típico e o observável são distintos do comprovável pelo método experimental, como se nota, de forma que essas conclusões freudianas (*ex auctoritate própria*, mantidas em aberto) subsidiam as reflexões mais específicas de Pêcheux (1993) sobre recalque, esquecimento número 1 e ego-sujeito, também se somando às críticas desse autor ao empirismo em geral.

O modo como Pêcheux (1993) conduz a reflexão sobre a relação entre sujeito e conhecimento também é pela crítica ao empirismo, a pretensão deste por verificação e validação universal. É o caso da herança vista no behaviorismo e em outras formas insidiosas de penetração nas Ciências Humanas, como o neopositivismo, algumas fenomenologias (Pêcheux, 2014a). Formular asseverações universais difere de considerar o inconsciente em outra dimensão de temporalidade, como eterno ou, assim como a ideologia, omni-histórico (Pêcheux, 1996).

Relembremos o autor quando afirma que as “estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente como *ideologia e inconsciente* [. . .] (p152)” dissimulam sua própria condição e produzem “[. . .] um tecido de ‘*evidências ‘subjetivas’* (p. 153, *itálico e aspas no original*)”.

O debate sobre esta simulação, que também é o debate sobre as simulações do “eu”, decorre dos méritos althusserianos sobre esta questão; tendo um destes destacado o “[. . .] “pequeno teatro teórico” da interpelação, concebido como uma crítica ilustrada do teatro da

consciência (Pêcheux, 1993, p. 154)”. O autor enfatiza a discrepância entre indivíduo e sujeito; e, também:

[. . .] de mostrar esse vínculo de uma maneira tal que o teatro da consciência (eu vejo, eu penso, eu falo, eu te vejo, eu te falo etc.) é observado dos bastidores, lá de onde se pode captar que *se fala do* sujeito, que *se fala ao* sujeito, *antes de* que o sujeito possa dizer: “eu falo” (Pêcheux, 1993, p. 154).

Para Pêcheux (1993), a evidência do sujeito tem algo de absurdo e trivial, com injunções tais como anedotas como quando crianças perguntam a “um senhor Fulano de tal (p. 156)” o seu próprio nome. A partir desta reflexão, redefine este que se fala “do, ao, antes, ou seja, alhures” do sujeito como a modalidade discursiva do pré-construído.

A metáfora do “teatro teórico” vinda do althusserianismo e “teatro da consciência” usada por Pêcheux (1993) para falar da consciência são potentes porque tanto se referem aos traços mnemônicos até aqui relidos freudianamente, quanto sobre a relação paradoxal do sujeito com a interpelação.

Assoun (1996) debate os traços duradouros e atualizados de um “teatro privado (expressão do autor)” em que o neurótico comum lê um texto e recobre os traços dos “blocos mágicos”. Estendemos esse debate para o Pêcheux (1993) como questão subjacente quando utiliza o termo “teatro da consciência” para falar da relação de evidência do sujeito com o alhures e sua dimensão paradoxal em relação à coletividade que o determina como um modo sujeito à interpretação em que esta “[. . .] tem, por assim dizer, um efeito retroativo que faz com que todo indivíduo seja ‘sempre-já-sujeito’ (p. 155)”. A este efeito de retroação podemos inserir toda a leitura que subjaz da herança freudiana aqui mobilizada.

E qual o papel da ideologia? A ideologia joga o sujeito na dialética entre saber e não saber, no plano imaginário; claro, que contando com se destacar como posição e/ou pela alteridade que o reconheça neste lugar, pela forma indireta da ideologia o reconhecer em um lugar. Esta forma é omni-histórica (Pêcheux, 1996), pelo seu modo de cooptar o sujeito na estrutura simbólica a qual já está submetido, entre um lugar e outro lugar possível, por “[. . .] um *efeito retroativo* que faz com que todo indivíduo seja “sempre-já-sujeito” [. . .] (Pêcheux, 1993, p. 155)”.

Este jogo político da suposição do lugar tem sempre que se haver com um não saber, um desconhecimento deste lugar “aí, onde você está” que supõe um modo de conhecimento razoavelmente cômodo, no sentido de instrumentos com certa cientificidade que mesmo no cotidiano impõe ao sujeito conforme Pêcheux (1993), um lugar deduzível e pensável. Neste campo da dedução, há o papel predominante da ciência régia e do empirismo lógico.

Acrescentaríamos que nessa lacuna entre o lugar ocupado e outro possível, por outro lado, pode incidir o desejo de que trata Lacan (1999) e o sujeito realizar outra leitura do traço inconsciente freudiano.

Faz-se necessário notar que foi pelo efeito retroativo que Pêcheux (1993) incorpora em sua teoria a noção de pré-construído reconhecendo este crédito à contribuição de Paul Henry (1992), de modo que por este caminho designa “[. . .] o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é “construído” pelo enunciado (Pêcheux, 1993, p. 99)”, cujo efeito discursivo é do “*encaixe sintático* (p. 99)” e que repercute nos domínios de pensamento, mas que não são “[. . .] *conteúdos de pensamento fora da linguagem*, que se encontrariam na linguagem com outros conjuntos de pensamento; na verdade, todo “conteúdo de pensamento” existe na linguagem, sob a forma do *discursivo* (Pêcheux, 1993, p. 99)”.

Vale lembrar que, para Pêcheux (1993), a interpelação não conclama existência prévia. Ela somente tem efeito porque é retroativa, pois mobiliza um modo da exterioridade recobrir o sujeito do lugar mesmo de onde pode “se olhar”, sem sair totalmente da posição que ocupa. Este efeito de exterioridade, e também de anterioridade, de possibilidade de tentar apostar/antecipar uma posição a ser ocupada configura certa onipotência do sujeito ordinário, já que este lugar é mesmo determinado por processos do significante que pelo par identificação e interpelação representam o sujeito na rede dos sentidos.

Nos textos freudianos até aqui elencados, esta onipotência se funda na ilusão de apagamento definitivo do traço inconsciente. Todavia, o aparelho psíquico indica o fato do consciente nunca ser pleno de consciência, bem como o “eu” englobar não inteiramente o ‘id’ mas na parte em que o sistema perceptivo forma uma superfície de contato com o mundo externo (Freud, 1923/2011). Isto porque a consciência não é a totalidade do aparelho psíquico e porque ocorrem processos paralelos somáticos e psíquicos que latentes ou não, nunca são diretamente alcançáveis (Freud, 1915/2010).

A exemplo, o contra investimento da repressão na histeria vem do inconsciente e é investido sobretudo no corpo (biológico, e também social, tendo que se haver com o corpo das relações com outrem); e na neurose obsessiva na forma de pensamento, mas também não por isso totalmente consciente, com seus agravantes no modo do neurótico lidar com angústia e com a morte.

Por isso, concorde Freud (1915/2010), não se pode falar em subconsciente, mas em inconsciente, porque as pulsões têm destinos, alvos, de forma que o reprimido é apenas parte do inconsciente e produz efeitos, mesmo sem acesso direto; bem como, nem tudo se torna consciente como objeto de conhecimento.

O inconsciente é constitutivo, mesmo porque a percepção externa é mediada por atividade anímica, em parte na base cerebral, e de forma topológica não neste, mas como pulsões se prendem a ideias e afetos. A rigor, não há ideias e afetos inconscientes, mas formações afetivas com investimentos e processos de descarga que desembocam em sensações; o afeto novo surge atrelado a uma representação no inconsciente e provoca sensações, excitações, oníricas e em vigília, em parte conscientes (Freud, 1915/2010).

Esta leitura do onírico no cotidiano que configura um “teatro privado (expressão de Assoun, 1996)” e o “teatro da consciência” em Pêcheux (1993) resgata o pressuposto freudiano da consciência resultante do jogo que indica percepção imediata e o “eu” emergindo por uma topologia de investimentos não mais exclusivos do “id”. Daí o jogo cênico, o teatro, em que a consciência é determinada pelas formas materiais de existência (Pêcheux, 1993). Levamos em conta que este foi um dos diferenciais da contribuição pecheutiana a partir da herança freudiana. Todavia, o autor apresenta um argumento retificador sobre esta relação entre “eu” (ego), recalque e consciência, que aparece no apêndice retificador e autocrítico da seguinte forma:

Tudo se passa, em *Les Vérités de La Palice*, como se o que foi dito do *sujeito* se confundisse tendencialmente com o que foi posto relativamente ao *ego* como “forma-sujeito” da ideologia jurídica, a ponto de que o funcionalismo, expulso politicamente pela porta, pudesse, apesar de todas as denegações, ter voltado a tamborilar pela janela psicanalítica, sob a forma de uma espécie de gênese do ego: à força de levar exageradamente a sério as ilusões do poder unificador da consciência.

Não tomamos o “como se” desta citação no plano apenas do imaginário. Por isso, resgatamos o valor simbólico da obra. Uma das leituras possíveis é considerar que o autor está ratificando que não está preocupado com o debate sobre percepção mediata e imediata tal como aparece no estudo funcionalista da consciência (Schultz; Schultz, 1998), posto que não corrobora essa perspectiva. Com isso, indica que quer ser assim lembrado; tampouco quer que isso transborde para ser colocado como ratificador de outro campo do debate, o da apreensão como elemento unificador da consciência.

Esta ressalva já havia sido feita na própria obra *Les Vérités de La Palice* ao argumentar sobre “identificações especulares que se exercem na linha do ego ideal (Safouan,

1968 *apud* Pêcheux, 1993, p. 265)”, mas que dependem de processos de identificação não especulares calcados no simbólico; e na dependência da “[. . .] questão da identidade (fundamento da imputação e da responsabilidade) [. . .] (p. 265)”, pela qual a interpelação transcorre por sua base ideológica e jurídica, posto que remete à lei e ao Estado.

Por fim, vale notar que esta retificação pecheutiana remete a Laplanche (1998) quando este último argumenta que talvez somente haja tópica ligada ao ego e este ao domínio do imaginário, por sua tendência e projeção virtual de formar um todo e também como lugar decisivo da angústia; id e superego podem até provocá-la, mas é produzida e suportada pelo ego, como arrebatamento abrupto do imaginário para integrar perturbações da consciência. Deste ponto de vista, podemos redefinir o uso pecheutiano do termo “jacobinismo de consciência”, uma vez que no lugar da guilhotina para o que ladeia o ego, a consciência permite ao sujeito driblar os atropelos do imaginário e lhe lançar às leituras dos traços efêmeros em sua visibilidade e também impossíveis de serem lidos, como modo também impossível de resolver de forma definitiva a angústia.

Outra saída para problematizar a retificação de Pêcheux (1993), não enfatizada ainda aqui, é pelo debate sobre o processo de desidentificação, ocorrido ao final de *Les vérités de la Palice*. Há um aporte freudiano nessa questão também uma vez que “As identificações estruturantes do ego fazem-se por um processo análogo ao da identificação melancólica, ou seja, por transformação do amor (de um modo mais geral: do investimento de objeto) em identificação (Laplanche, 1998, p. 316)”.

Parafraseando Laplanche (1998), o “eu” estruturado segue identificações fundantes iniciais e em decorrência destas advêm aquelas que o alteram, sendo que estas primeiras, inaugurais, decisivas em se tratando das identificações com o lugar do pai em concomitância ao ideal de eu. Em suma, queremos mostrar que há algo do drama dessa identificação melancólica na desidentificação e na angústia do “bom sujeito” (expressão pecheutiana) em dissonância com o lugar do Pai e em sintonia com o mal-estar atual.

Privilegiamos o modo pecheutiano de levar em conta, pelas noções de esquecimento número um efeito de pré-construído, os pressupostos freudianos sobre recalque e traço o inconsciente. Por este caminho, resgatamos o que o autor denomina teatro da consciência. Por este caminho, ratificamos seu argumento de que não se trata de um processo unificador da consciência. Isto une forças para lutar contra qualquer mal-entendido, caso achem que levou “[. . .] demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha (p. 300)”

já que “[. . .] o *non sens* do inconsciente, em que a interpelação encontra onde se agarrar, *nunca é inteiramente* recoberto nem obstruído pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto [. . .] (p. 300)”.

Por vezes, somos acometidos por imagens arraigadamente fortes do inconsciente como se fosse de natureza individual, e também da tomada de consciência afim a um substrato cerebral, embora o inconsciente também se manifeste graças às reações cerebrais (Roudinesco, 2019); mas a submissão à linguagem por meio da qual os processos especulares de identificação e de identidade não escapam à lei e ao simbólico (Pêcheux, 1993) e indicam como os traços de escrita analisados por Freud (1925/2011) podem se fazer notar socialmente e na esfera pública.

É muito comum ouvirmos em algumas regiões do país⁵ uma expressão proverbial, um genérico discursivo, no sentido dado por Tfouni (2006) de uma fórmula enunciativa hermética e de valor semelhante à premissa maior do silogismo. É a expressão: “dois sentidos não se assemelham”.

Há uma cadeia parafrástica que sustenta sua circulação. Por vezes, as pessoas reproduzem e/ou escutam: “dois sentidos não se assimilam”, ou ainda, “dois sentidos não assam milho”. De modo geral, a fórmula é utilizada, como aparece na primeira versão aqui elencada, para indicar que não é viável prestar a atenção e/ou fazer duas coisas ao mesmo tempo. A dificuldade em estar atento aos sentidos que não têm semelhança, indicam direções opostas. Na construção vernacular ordinária, a ação de prestar atenção, estar com os sentidos (percepção, atenção) corporais atentos a algo é indicada por uma perífrase: “dois sentidos”.

Podemos indiciar uma cadeia parafrástica: assemelham, assimilham, assam milho. A par da questão da segmentação e da homofonia, ambas estão entre as questões mais complexas das ciências da linguagem, podemos indiciar na circulação deste genérico, um traço inconsciente de memória coletiva.

A cultura milenar do milho nas Américas e o fato amplamente constatável da festa do milho (a festa de São João) permanecer como marcador temporal, sobretudo para adultos não-alfabetizados ou com baixíssima escolaridade da região, são traços de memória coletiva de sua posição nas formações imaginárias e no simbólico, ao elaborarem, à sua maneira, o real das “coisas a saber (Pêcheux, 2002)” deste genérico.

Os textos freudianos já traziam a questão da posição diante da elaboração sobre a diferença sexual (Kupfer, 1992). Lacan (1998) traz a questão da posição do sujeito

⁵ Algumas informações foram ocultadas, por ora, para resguardar anonimato.

determinado pelo inconsciente como discurso do Outro. Pêcheux (1993), por sua vez, ensina que a circulação do traço depende de marcadores e de posições e se aprofunda a partir desses aportes na questão da posição do sujeito do discurso como ficção do “eu” resultante da fantasmagoria das evidências, no processo dialético do par identificação e interpelação que depende dos efeitos de pré-construído. Esta última noção depois relida em termos do debate sobre interdiscurso e memória discursiva que, muitas vezes são equivocadamente sobrepostos, mas mantêm distanciamentos complexos, como mostrado por Cattelan (2022).

No caso do genérico discursivo em questão, o sujeito emerge no entremeio do deslizamento de sentido notável na cadeia parafrástica (assemelham-assimilam, assam milho) de modo que o traço nunca apagado da “cultura do milho”, com origem indefinida, mobiliza no *non sens* a prevalência da metáfora sobre a evidência do sentido.

A este respeito, o que vimos neste artigo foi de que forma o aporte freudiano sobre o chiste, o lapso, o sonho, o traço inconsciente permitiu a Pêcheux (1993) contornar o que pode ter sido o mal entendido traduzido em um “jacobinismo da consciência”.

Em tempos de decadência e assassinato da memória coletiva e em que fica em aberto quem vai escolher o potencial de um fato histórico (Yerushalmi, 2017), não se pode aceitar que o esquecimento seja uma expressão generalista, mas que expresse um encontro do sujeito e possa manifestar sua experiência real e particular de um acontecimento (Mommsen, 2017). Para além de um acontecimento marcado, datado, nomeado, quisemos mostrar pela breve análise da circulação de um genérico discursivo (Tfouni, 2006) de que modo o lugar do esquecimento fundamenta a circulação de paráfrases traçadas pelo “bloco mágico” da memória coletiva.

Para finalizar, vale lembrar que, mais adiante, na conferência sobre “estrutura ou acontecimento”, Pêcheux (2002) retoma a relação entre esquecimento e recalque ao debater o estatuto do “semi-consciente”. Finalizamos com o destaque à relevância desta retomada, posto que em busca de traços, sinais ou formas de se desdobrar diante do desconhecimento imaginário (Pêcheux, 1996) e do reconhecimento do Outro (Pêcheux, 1993), o sujeito estrategista é uma expressão nova ali utilizada naquela conferência (Pêcheux, 2002) e que vemos como outra saída encontrada pelo autor para o radicalismo materialista e psicanalítico que se lhe impunha como dilema presente na autocrítica retificadora aqui analisada.

Afinal, o sujeito pode contornar o assujeitamento radical, com estratégias que também contam com nuances de consciência, pois tem que se haver com formas de resgatar no traço

apagado, porém persistente da memória coletiva (Pêcheux, 1999), não propriamente sua tábua de salvação, mas formas para “ousar se revoltar (Pêcheux, 1993, p. 304; Pêcheux, 2014b)”, posto que a dominação não elimina a resistência pela qual é necessário “ousar pensar por si mesmo (Pêcheux, 1993, p. 304)”.

Considerações finais

Les vérités de la Palice é uma obra cujas leituras tem dado notória ênfase à perspectiva lacaniana de sujeito que, claro, é uma marca decisiva para compreender o que Pêcheux (1993) denominou de eficácia do imaginário e da base material do sentido. Os textos freudianos não propuseram uma noção de sujeito (Elia, 2023). O próprio Pêcheux (1993) dá destaque à noção lacaniana de sujeito e sua relação com o discurso do Outro, em algumas passagens, algumas dessas citadas aqui.

Outra marca consistente desta parte da obra pecheutiana é a influência também a ser mais debatida sobre a questão do desejo. Tocamos nessa questão inclusive citando Lacan (1999) e o modo como Assoun (1996) propõe uma leitura freudiana sobre “ler o inconsciente”. Esse debate não seria possível se não fosse a contribuição freudiana sobre o retorno do traço no inconsciente que, ao nosso ver, tal como a inscrição no bloco mágico e no aparelho psíquico, nos textos freudianos aqui escavados. É por meio dessa fundamentação que inclusive Lacan (1999) pôde abordar a metáfora produzida como substituição e esta última como articulação do significante em um lugar do simbólico onde a metáfora possa ser produzida. Por outro caminho, também debatemos mais ao final deste artigo, esta presença freudiana também no modo como Pêcheux (1993) aborda o efeito metafórico.

Neste cinquentenário de *Les vérités de la Palice*, todavia, não podemos deixar de lado outras elaborações teóricas. Neste artigo, destacamos de que modo a evidência do “eu” e a retroação sem a qual não há efeito de pré-construído são condições fundamentais para análise dos interdiscursos e das formações ideológicas e discursivas das quais dependem a assunção da forma e da posição-sujeito do discurso, junto das discrepâncias e pontos desconstruídos com a forma-indivíduo.

Por isso, fez-se necessária uma escavação em textos freudianos e de comentadores (Assoun, 1996; García-Roza, 1986, 2005; Laplanche, 1998) de modo a tratar da retroação como retorno do traço de memória inscrito na dimensão social e coletiva do inconsciente. O próprio Pêcheux (1993) relembra o valor do chiste e como a coletividade determina a

interpretação. O início deste debate se deu pela retomada expressão “jacobinismo da consciência” em meio à autocrítica feita pelo autor em um apêndice/posfácio retificador de *Les vérités de la Palice*.

Por este caminho, quisemos notar que a talvez dura autocrítica feita pelo próprio autor não desvaloriza nem cala pontos desta magistral obra em termos de releituras tais como a que aqui foi realizada. Não pusemos o autor no divã. Não há esta possibilidade, mas talvez a autocrítica tenha sido um tanto ferrenha. Claro, há um efeito da conjuntura histórica e do debate acadêmico da época, alardeada pelos críticos às releituras do materialismo e da Psicanálise. Neste debate também se inclui, por exemplo, o paradoxo da Psicanálise querer se separar de um campo com o qual tem afinidades, o da Psicologia (Althusser, 1963-64), destacando que o debate aqui apresentado sobre o “jacobinismo da consciência” é parte desse paradoxo, afinal foi com o debate sobre a consciência que a Psicologia foi considerada ciência (Schultz; Schultz, 1998).

Todavia, a riqueza do debate está justamente em notar nesta retificação um gesto de leitura que reacende o retorno aos autores por ele mesmo já mobilizados e permite uma releitura tal como aqui se apresenta. Um petardo que joga alguns estilhaços, mas não mata o autor, ao içá-lo por sua própria obra.

Referências

AGOSTINHO, Santo. Santo Agostinho: vida e obra. In: AGOSTINHO, Santo. **Confissões (397-400)**. Tradução: J. Oliveira Santos, S. J. , e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

ALTHUSSER, Louis. **Psicoanálisis y Ciencias Humanas**: dos conferencias. Tradução: Alejandro Arozamena. 1963-64. Disponível em: <https://lobosuelto.com/wp-content/uploads/2018/10/Althusser-L.-Psicoan%C3%A1lisis-y-ciencias-humanas-1963-1964.pdf>. Acesso em: 17 out. 2025.

ASSOUN, Paul-Laurent. **Metapsicologia freudiana**: uma introdução. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ATTIÉ, Joseph. O dito/o escrito – o necessário, o impossível, o contingente. *Isso – despesa freudiana*, 1989, n. 1, p. 26-30.

ATTIÉ, Joseph. Esse jogo insensato da escrita. In: *Opção lacaniana online*, 2005. Tradução: Heloisa Caldas. <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/n2/pdf/ensaio/JAJogo.pdf>

CATTELAN, João Carlos. Interdiscurso e memória: a metáfora e a metonímia em Pêcheux/Herbert. **Alfa: revista de Linguística**, v. 66, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/14408>. Acesso em: 21 out. 2025.

COHEN, Daniel. **Freud e a cocaína** – a história do uso da droga nos primórdios da psicanálise. Tradução: Cristina Cavalcanti. São Paulo: Record, 2014.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ELIA, Luciano. **A ciência da Psicanálise**. São Paulo: edições 70, 2023.

ESCHER, Maurits Cornelis. **Drawing hands**. **National Gallery of Arts**. 1948. Disponível em: <https://www.nga.gov/artworks/54237-drawing-hands> acesso em: 15out. 2025.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: volume 12. São Paulo: Cia das letras, 2019.

FREUD, Sigmund. Psicopatologia da vida cotidiana (1901). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: volume 12. São Paulo: Cia das letras, 2021.

FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: volume 12. São Paulo: Cia das letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Luto melancolia (1917). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: volume 12. São Paulo: Cia das letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O eu e o id (1923). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: volume 16. São Paulo: Cia das letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Notas sobre o bloco mágico (1925). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: volume 16. São Paulo: Cia das letras, 2011.

GARCÍA-ROZA, Luís Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita**. Campinas: Edunicamp, 1992.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação**: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1992.

LACAN, Jean Jacques. **O Seminário – livro 2**: o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise. Tradução: Marie Christine Laznik Penot. Rio de Janeiro: Zahar. 1985 (seminário realizado em 1955-56).

LACAN, Jean Jacques. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jean Jacques. **O Seminário – livro 5**: as formações do inconsciente. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. (trabalho originalmente publicado em 1957-58).

LAPLANCHE, Jean. **Problemáticas I: a angústia**. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MOHR, Melissa. The explosive origin of ‘hoist by one’s own petar’. **The Christian Science Monitor**. 27 set. 2021. Disponível em: <https://www.csmonitor.com/The-Culture/In-a-Word/2021/0927/The-explosive-origin-of-hoist-by-one-s-own-petard>. Acesso em: 15 out. 2025.

MOMMSEN, Hans. O terceiro Reich na memória dos alemães. In: YERUSHALMI, Yosef. *et al.* (Orgs.). **Usos do esquecimento**: conferências proferidas no colóquio de Royaumont. Tradução: Eduardo Alves Rodrigues, Renata Chrystina Bianchi de Barros. Campinas: Edunicamp, 2017. p. 63-81.

PÊCHEUX, Michel. **Language, semantics, and ideology**. New York: Saint Martin’s Press. 1982.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Edunicamp. 1993.

PÊCHEUX, Michel. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: ZIZEK, Slavoj (Org.) **Um mapa da ideologia**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p. 143-153.

PÊCHEUX, Michel. O papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* (Orgs.). **Papel da memória**. Tradução: José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-59.

PÊCHEUX, Michel. As ciências humanas e o “momento atual”. In: ORLANDI, Eni. (Org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux – textos escolhidos por E. p. Orlandi*. Campinas/Sp. Pontes. 2014a, p. 175-202.

PÊCHEUX, Michel. "Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes". Tradução: Guilherme Adorno, Gracinda Ferreira. **Décalages**, v. 1, n. 4. , 2014b, Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/pecheux/ano/mes/40.pdf>. Acesso em: 17 out. 2025.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso**: estrutura ou acontecimento? Campinas: Pontes, 2002.

ROUDINESCO, Élizabeth. **O inconsciente explicado ao meu neto**. Tradução: Fernando Santos. São Paulo: editora Unesp, 2019.

SAIBA a origem dos bordões ‘vuco-vuco’ e ‘chupa essa manga’, do Zorra Total. **O fuxico**, 2006. Disponível em: <https://ofuxico.com.br/noticias/saiba-as-origens-dos-bordoes-vucu-vucu-e-chupa-essa-manga-do-zorra-total/#:~:text=Saiba%20as%20origens%20dos%20bord%C3%B5es,%2C%20do%20Zorra%20Total%20%2D%20Ofuxico>. Acesso em: 21 out. 2025.

SOLÈ, Jacques. **A Revolução francesa em questões**. Tradução: Alda Porto, Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

Um jacobinismo da consciência: a autocrítica de Pêcheux sobre o sujeito-ego e o aporte
freudiano em *Les Verités de la Palice*.

SCHULTZ, Duane; SCHULTZ, Shirley. **História da Psicologia moderna**. São Paulo: cultrix, 1998.

TFOUNI, Leda. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.

YERUSHALMI, Yosef. Reflexões sobre o esquecimento. *In*: YERUSHALMI, Yosef. *et al.* (Orgs.). **Usos do esquecimento**: conferências proferidas no colóquio de Royaumont. Tradução: Eduardo Alves Rodrigues, Renata Chrystina Bianchi de Barros. Campinas: Edunicamp. 2017. p. 9-28.

Recebido em: 22/10/2025; **Aceito em:** 22/11/2025.